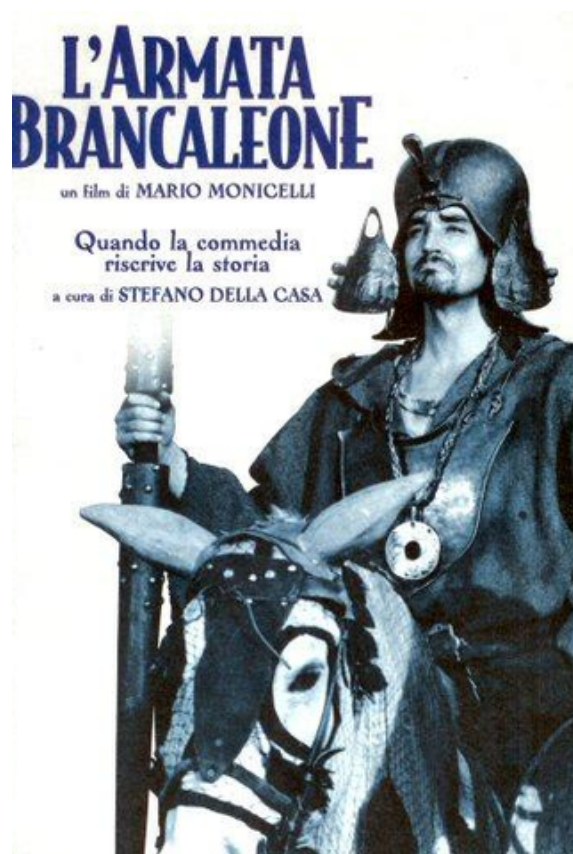
Simon's Site

Site e blog de Simon Schwartzman

Polarização e calcificação da política brasileira – críticas e comentários

O texto sobre Polarização e calcificação da política brasileira, com observações a respeito do livro *Biografia do Abismo*, estimulou vários comentários que contribuem para ampliar o entendimento do tema, alguns dos quais estou compartilhando. Isto me permite também explicar melhor algumas ideias possam ter ficado pouco claras.

Começo pelo registro da mensagem de Felipe Nunes, um dos autores do livro. Escreve Felipe que "do ponto de vista teórico, o paradigma que você apresenta não diverge do nosso quando evoca o Schattschneider. Aprendi a gostar do trabalho dele com o John Zaller no meu doutorado da UCLA. Na minha avaliação, o nosso livro é basicamente a aplicação dessa ideia para o Brasil de 2018 a 2022. Como as elites (pelas redes sociais), em particular o Bolsonarismo, moldaram a opinião pública brasileira, que agora está calcificada. Acho que a nossa diferença está na calcificação. Você acha que coisas como 'anulação dos processos da lava-jato e a concessão de recursos e poder crescentes para o Congresso' podem desfazer a calcificação. Mas pelos dados que a *Quaest* tem publicado, esses eventos não fazem nem cócegas na polarização da opinião pública. Está tudo calcificado. O raciocínio motivado está ajudando a explicar quase todo tipo de resposta da opinião pública no Brasil. Mas é claro que a calcificação é só uma tese. E como toda boa tese pode e deve ser refutada pela

realidade. Vamos ver o que acontece daqui para frente. Queria ser otimista como o senhor sobre os efeitos dos arranjos políticos na opinião pública, mas eu confesso que como bom atleticano, estou pessimista!".

Eu não quiz dizer que as acomodações das elites com o fim da Lava Jato e as concessões ao Congresso podem "desfazer" a calcificação, mas sim que elas ajudam a atenuá-la, e mostram que existem outras coisas na política além da opinião pública. Foi por isto mesmo que achei interessante o artigo comparando as teorias de Downs e Schattschneider.

Nesta linha, o empresário Stefan Bodgan Salej observa que o texto leva a muitas reflexões, uma delas "o papel de grupos empresariais ou econômicos, sejam nacionais ou estrangeiros, no sistema político brasileiro. E aí não só a aliança eleitoral, mas exercício do poder a posteriori, como no exemplo de reforma tributária mais recentemente. Nas grandes empresas brasileiras o cargo mais importante é diretor de relações institucionais, a pessoa que obtém o máximo do estado pelo mínimo de retorno".

O cientista político e brasilianista Barry Ames me escreve, em inglês, que tem duas observações sobre o artigo. A primeira é que eu deveria ver seu livro recente, com Andy Baker e Lúcio Rennó, *Persuasive Peers: Social Communication and Voting in Latin America (Princeton Univ. Press).* "A pesquisa foi feita antes do crescimento dos meios de comunicação social, mas temos muito a dizer sobre o contexto social e comportamento eleitoral. O livro se baseia sobretudo em meus projetos em Juiz de Fora e Caxias do Sul". A segunda é que "tem um livro saindo proximamente pela Companhia das Letras por Marcos André Melo e Carlos Pereira intitulado *Por que a democracia brasileira não morreu? De Dilma ao terceiro mandato de Lula.* Eu escrevi a introdução do livro. A tese principal é que as instituições brasileiras são tão fragmentadas que é muito difícil para que um movimento anti-demorático consiga ganhar força no legislativo. Eles argumentam, e eu concordo, qiue Bolsonaro nunca teve chance de instalar o tipo de regime autoritário como os Levitsky e Ziblatt, entre outros, mencionam. A polarização do eleitorado nos Estados Unidos reforça e é reforçada pelo sistema bipartidário. No Brasil isto não pode acontecer (...). Em certo sentido, seu texto reflete a contrapartida do 'copo meio vazio' da tese do 'copo meio cheio' de Carlos Pereira. Você diz que o sistema brasileiro impede que o país desenvolva as políticas púbicas que tirariam o país da armadilha de renda média.

Carlos argumenta que o sistema brasileiro minimiza as chances de um encaminhamento autoritário".

Concordo que seria difícil no Brasil fazer uma transição gradual da democracia parlamentar para o autoritarismo como ocorreu na Hungria de Viktor Orbán, mas um golpe militar simplesmente fecharia o Congresso.

O economista e imortal Edmar Bacha, comentando uma primeira versão do texto, pergunta "se a calmaria se deve à acomodação dos interesses relevantes pelo lulopetismo, significando isto que o bolsonarismo seria uma carta fora do baralho". "Merecia atenção a diferença do caso americano, onde o trumpismo se alimenta de uma insatisfação com a emigração (como na Europa), com a desindustrialização (provocada pela China e pelas novas tecnologias), e com o identitarismo abraçado pelo Partido Democrata. Quais as "causas" econômicas correspondentes que alimentam o Bolsonarismo no país? Faltou essa análise, que teria ver possivelmente com a ascensão do agronegócio, além da frustração com o PSDB, cujo lugar agora ocupa o PSD, por enquanto como linha auxiliar do bolsonarismo light". E conclui dizendo que, "francamente, 60% nem de um lado nem de outro eu queria acreditar, mas me parece um exagero. Será que as eleições municipais deste ano ajudarão a compreender o enigma? Se eu fosse um empirista norte-americano, lhe diria para formular uma hipótese sobre a calcificação que poderia ser falsificada pelas próximas eleições municipais".

O sociólogo Bernardo Sorj, também comentando uma versão inicial, observa que "o PT certamente foi um dos construtores da polarização (a herança maldita, as elites, etc.). A pergunta é porque foi Bolsonaro quem conseguiu mobilizar o polo adversário ao PT nas eleições presidenciais, nas quais o binarismo ideológico no Brasil tem peso. Acredito que um elemento central foi explicitar uma agenda que conseguiu aglutinar os evangélicos e católicos conservadores, algo a que o polo tradicional ao PT, o PSDB, nunca foi sensível. Você está certo de que a eleição de 2018 foi o momento alto da polarização, em particular pelo efeito Lava-jato. Bolsonaro, apesar de 4 anos na presidência ,não conseguiu manter o nível de polarização". E finalmente observa que "o problema histórico é sobre o papel do *game changer* (Mussolini, Hitler casos extremos). Quanto estava escrito na estrutura social e quanto depende da iniciativa dos operadores políticos? O razoável é pensar que se trata de uma mistura de ambos em cada situação histórica. E o papel do efeito

demonstração. O efeito Trump e da nova extrema direita nos Estados Unidos e suas técnicas de atuação, ao igual que o fascismo, se espalharam pelo mundo".

O cientista político Sérgio Fausto comenta que "o 'acordão' por cima pode perfeitamente coexistir, até o início do novo ciclo d eleições gerais, com a polarização na sociedade. Ou seja, a tese da calmaria não conflita necessariamente com a da ossificação (em tempo: quando falo em eleições gerais, me refiro às presidenciais, para o Congresso e os governos estaduais). Penso que a tese da ossificação (um termo excessivo por indicar uma rigidez que o quadro não parece ter) é compatível com o modelo do 'semi-sovereign people'. Os dois campos estão assentados em organizações bem estruturadas e capilares: família militar, inclusive polícia, e igrejas evangélicas, de um lado; PT, sindicatos, movimentos e ONGs de esquerda, de outro. Acho que a polarização depende muito dos personagens do drama. A ausência de Bolsonaro do cenário eleitoral, mas não político, abre uma brecha; enquanto o Lula aí estiver, porém, a brecha não se abrirá muito. Você tem toda razão que o que conta é o cálculo eleitoral e não uma 'intervenção esclarecida das elites' (a inclinação autoritária do argumento não passa despercebida). Em termos práticos, penso que devemos insistir na tese de que o quadro é mais maleável do que pintam os autores. E ir plantando. Colher mesmo, acho que só depois de 2026."

O cientista político Edson de Oliveira Nunes escreve, no Facebook, que "quem sabe vale lembrar também o trabalho de Jonathan Haidt, *The Righteous Mind: Why Good People Are Divided by Politics and Religion* (Vintage, 2020) que argumenta que a cosmovisão à nova destra é mais 'completa' que aquela à sinistra em termos de apelo popular". Fica a recomendação.

Finalmente, o cientista político Paulo Elpídio Menezes Neto também se vale do Facebook para questionar se de fato o 8 de janeiro de 2023 pode ser descrito como tentativa de golpe de estado. Segundo ele, "associar as manifestações de 8 de janeiro a uma 'tentativa de golpe de estado' constitui uma redução desviante, muito parecida com outros episódios da história recente. Vide Weimar". "Não se pode falar em golpe de estado", argumenta, "por conta de algumas vidraças e de um relógio de antiquários. Ademais, a infiltração por grupos black blocs nunca foi suficientemente esclarecida. Nem as armas do 'levante' encontradas entre os 1400 derrotistas recolhidos à Papuda..."

Eu acredito que houve realmente uma tentativa de golpe de estado, da qual a invasão do Planalto seria somente o estopim para que as forças armadas assumissem o poder e suspendessem o resultado das eleições invocando seu suposto "poder moderador". Não faltam outros elementos para corroborar isto, como as tentativas anteriores de desmoralizar as urnas eletrônicas, o abandono intencional da segurança do Planalto pelo governo do Distrito Federal e setores do Exército, assim como a minuta do golpe encontrada na residência de Anderson Torres, as reiteradas referências de Bolsonaro a "minhas forças armadas" e os encontros pouco explicados com figuras estranhas como Daniel Silveira, Marcos do Val e Walter Delgatti. Mas, como tantas outras ações do grupo de Bolsonaro, foi tudo feito incompetentemente, como um exército Brancaleone que nunca conseguiu se organizar. Nenhum dos mentores desta tentativa estava entre os 1400 que acreditaram neles e acabaram sendo levados para a Papuda, e nenhum destes mentores foi indiciado pela justiça até agora.

Author: Simon Schwartzman

Simon Schwartzman é sociólogo, falso mineiro e brasileiro. Vive no Rio de Janeiro

View all posts by Simon Schwartzman

 Simon Schwartzman / janeiro 17, 2024 / Democracia, Geral, Política /

One thought on "Polarização e calcificação da política brasileira – críticas e comentários"

 Aluizio Barros

janeiro 17, 2024 às 10:12 pm

Foi com muito contentamento que recebemos algumas repercussões do artigo do estimado Simon sobre a polarização da política brasileira. Duas ou três questões foram destacadas e deverão receber a devida atenção dos pesquisadores. Por que foi Bolsonaro o acidental ator político a catalisar a insatisfação com a hegemonia da

centro-esquerda (PSDB e PT)? Uma questão menor, mas não descartável, que ocupou um longo parágrafo da resposta de Simon foi sua manifestada convicção na narrativa dominante na midia mainstream de que houve "tentativa de golpe estado" nos eventos do dia 8 de janeiro de 2023. Possivelmente Paulo Egidio Menezes e muitos leitores amigos de Simon permanecem levemente estupefatos.